



VIOLÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL EM ÓBIDOS PARÁ

LEANDRO DE CASTRO TAVARES*¹

Resumo: A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. A violência não tem um alvo específico, independentemente de classe social ou econômica, pode ocorrer em diversos ambientes, desde que exista relação entre os sujeitos. Considerando-se esses aspectos, este estudo objetiva-se em mostrar as análises realizadas acerca da violência escolar em Óbidos-PA em uma perspectiva histórica contemporânea por se tratar de um recorte temporal da atualidade, ano de 2014. Baseado nessa análise, o pressuposto epistemológico pensado para nortear os caminhos desta pesquisa, fundamenta-se no campo dos Estudos Culturais, na perspectiva crítica, objetivando compreender e analisar as relações entre cultura, violência e história. Nessa perspectiva, “os Estudos Culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser” (SILVA, 2010: 134). E nesta pesquisa, o que nos instiga é a possibilidade de contribuir, enquanto professor e pesquisador, para a significação de história da violência escolar. Dessa forma, o caminho epistemológico dessa pesquisa tem como pensamento estruturante os teóricos: Garcia (1999), Barros et al. (2009), Silva (2010), Costa (2001), entre outros. O caminho metodológico pensado para conduzir o processo de investigação deste trabalho foi a Pesquisa Qualitativa, Documental e Oral. A finalidade desta pesquisa, de maneira ampla, é contribuir para o alargamento da compreensão sobre violência escolar na perspectiva de compreender e analisar as relações entre violência, história e conhecimento na vida escolar/acadêmica, social e cultural.

Palavras-chave: violência, história, cultura.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni², no sentido de verificar e analisar sobre a violência no contexto educacional da referida escola. Sabe-se que a comunidade escolar e a sociedade precisam, de uma vez por todas, entender que essas condutas agressivas que não são brincadeiras de mau gosto e nem que os agressores não têm a intenção de provocar danos. Assim, a mesma propôs como objetivo geral, Identificar as formas de violência que ocorrem no contexto educacional da escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni. Os objetivos específicos que deram encaminhamento às discussões foram: Analisar o contexto histórico-cultural da violência nas escolas; Identificar as causas e formas de violência existentes na escola do lócus da pesquisa.

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

² É uma das três escolas existentes na cidade de Óbidos no Estado do Pará.

A violência social é um desafio que não pode ser abandonado na porta de entrada da escola, afinal, uma das principais missões da Educação é justamente a construção de possibilidades de convivência. Se a sociedade quiser de fato diminuir a violência, deve-se engajar na luta contra qualquer tipo de injustiça e de desigualdade. Promover a justiça significa reconhecer, em primeiro lugar, que sociedade é muito desigual, na qual as contradições sociais estão postas de forma em que as crianças e os adolescentes são grandes vítimas. Partindo desse pressuposto, houve-se a necessidade de elaborar esta pesquisa para verificar sobre a Violência Escolar no Contexto Educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni. Isso porque em alguns anos tiveram acontecimentos trágicos nesse estabelecimento de ensino.

A metodologia deste estudo fez-se a partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo dentro de abordagens qualitativa e quantitativa, utilizando-se de métodos descritivos e analíticos. Os sujeitos arrolados na pesquisa foram os alunos, professores da escola acima citada. Os instrumentos de coleta de dados foram operacionalizados através da aplicação de questionário com questões subjetivas aplicadas aos sujeitos da pesquisa. Para que se obtivesse um resultado com ênfase na análise dos dados, a mesma foi realizada por categoria conforme sujeitos arrolados na pesquisa.

Para melhor entendimento sobre a violência escolar esta pesquisa foi dividida em três tópicos principais. Em que os mesmos abordam sobre o contexto histórico da violência escolar como o precursor do perigo nas escolas; os motivos que ocasionam violência nas escolas, mostrando informações sobre cotidiano escolar os vários exemplos de violência institucional que envolve alunos, professores e a escola como um todo e a violência escolar no contexto educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni em Óbidos no Estado do Pará.

Esta pesquisa trouxe benefícios intelectuais, não só para a nós pesquisadores, assim como para a população obidense, pois a mesma ressaltou e registrou algo que servirá de fonte de pesquisa para as futuras gerações, assim, poderão entender suas realidades no presente que estiverem vivendo através da busca do passado.

CONTEXTO HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Segundo Dubet (1998), a violência escolar aparece como expressão de um processo de desinstitucionalização, em que a escola vem perdendo progressivamente sua capacidade socializadora, ou seja, sua capacidade de inserir indivíduos numa determinada ordem social.

Por caracterizar-se como um fenômeno complexo e reflexo das violências existentes no âmbito social, a violência escolar pode manifestar-se de variadas formas, incluindo agressões no âmbito do relacionamento interpessoal (violência física, verbal, psicológica ou sexual, ameaça de gangues), ações contra o patrimônio público (depredações, pichações, ameaça de bomba, arrombamentos, sabotagens), ações contra os bens alheios (furto, roubo, depredação) e uso/tráfico de drogas.

A indisciplina está diretamente relacionada à violência escolar, nesta perspectiva Garcia (1999: 102) diz que:

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século.

O que é caracterizado como violência escolar varia em função do estabelecimento, de quem fala (professores, diretores, alunos etc.), da idade e provavelmente do sexo. Não existe consenso em torno do seu significado. No entanto o professor de Ciências da Educação, o especialista Bernard Charlot amplia o conceito, classificando-o em três níveis: violência (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes, vandalismos e sexual), incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e violência simbólica ou institucional compreendida, entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos e negação da identidade e da satisfação profissional por parte dos professores. Barros et al. (2009: 5739) afirmam que:

Há diversas formas de violência no meio em que estamos inseridos, a violência física que se caracteriza pelo uso da força ou ainda por atos de omissão. A violência psicológica que consiste em um comportamento específico de um indivíduo ou um grupo de agressores, gerando tratamento desumano como a rejeição, indiferença, desrespeito e discriminação. ... A violência verbal, que não raramente são acompanhadas da violência física e ainda a violência sexual, que é um abuso de poder onde uma criança ou adolescente torna-se uma gratificação sexual de uma outra pessoa, forçados a práticas sexuais com ou sem violência física.

Os termos para indicar a violência também variam de um país para outro. Nos Estados Unidos, diversas pesquisas usam delinquência juvenil. Na Inglaterra, alguns autores defendem que o termo violência na escola só seja empregado no caso de conflito entre estudantes e professores ou em relação a atividades que causem suspensão, atos disciplinares e prisão. Apesar das diferenças entre os países, há um consenso quanto ao fato de que não apenas a violência física merece atenção. Outros tipos de violência podem ser traumáticos e graves.

A violência é um assunto preocupante para a sociedade contemporânea, para melhor enfatizar veja o que Fante, (apud BARROS et al., 2005: 20) diz:

Um dos maiores desafios da humanidade, postergado ao século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência. Infelizmente, estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais.

Sinal dos tempos, até o foco dos estudos atuais difere dos antigos. Antes, esse tipo de violência era tratado como simples questão disciplinar. Depois, passou a ser analisada como delinquência juvenil. Hoje, é percebida de maneira bem mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social. Diante disso, as análises precisam ser mais profundas e não se restringir às transgressões praticadas por estudantes ou violências nas relações entre eles. Várias pesquisas no Brasil têm buscado o mapeamento desse fenômeno, assim como as causas e os efeitos sobre os alunos, os professores e o corpo administrativo e técnico das instituições de ensino. Embora sejam estudos ainda incipientes, por focarem, em sua maioria, situações regionais ou localizadas, os resultados obtidos apontam os principais tipos de violência. Dentre os tipos de violência o bullying é o que está se destacando nas escolas.

Uma das formas de violência escolar, que tem merecido grande atenção por parte de pesquisadores nas últimas décadas, tem sido denominada, na literatura internacional, como bullying. Bullying é uma forma de violência frequente ocorrida entre colegas na escola. Alguns autores têm utilizado o termo intimidação para se referirem ao fenômeno (PINHEIRO, 2006: 4).

Os primeiros estudos brasileiros datam da década de 1970, quando pedagogos e pesquisadores procuravam explicações para o crescimento das taxas de violência e crime. Na década de 1980, enfatizavam-se ações contra o patrimônio, como as depredações e as pichações. Já na maior parte da década de 1990, o foco passa a serem as agressões interpessoais, principalmente entre alunos.

Nos últimos anos do século XX e nos primeiros do século XXI a preocupação com a violência nas escolas aumentou e tornou-se questionável a ideia de que as origens do fenômeno não estão apenas do lado de fora da instituição, ainda que se dê ênfase, em especial, ao problema do narcotráfico, à exclusão social e às ações de gangues.

A maioria dos estudos de larga escala, realizados ao longo dos últimos anos pelos principais organismos internacionais, procurou explorar os contextos violentos que emergiam no ambiente escolar, a percepção de atores internos e externos, regionalidades e o tamanho

dos municípios. Um aspecto inovador é o foco nas representações das crianças e dos adolescentes que estudam nas escolas analisadas. Os conceitos de violência verbal, simbólica, racial e psicológica foram exaustivamente analisados, sempre no contexto da escola.

Para entender o fenômeno da violência nas escolas, é preciso levar em conta fatores externos e internos à instituição de ensino. No aspecto externo, influem as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida. Entre os fatores internos, deve-se levar em consideração a idade e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos (e vice-versa) e a prática educacional em geral.

MOTIVOS QUE OCASIONAM VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Com base em leituras bibliográficas e a vivência nas escolas do município de Óbidos, viemos ratificar que no cotidiano das escolas, existem vários exemplos de violência institucional, como, por exemplo, alunos que relatam que há professores que têm dificuldade de dialogar com eles, humilhando-os e ignorando completamente seus problemas, não querendo nem sequer escutá-los, pois os professores falam que não tem nada a ver com isso. Outros tratam mal os alunos, rotulando-os de safado, marmanjão e recorrem a agressões verbais e os expõem ao ridículo quando estes não entendem algo ou quando não conseguem responder a uma pergunta.

A maioria das ameaças aos professores pelos alunos é ocasionada por notas e pelas falhas disciplinares nas salas de aula. As ameaças aos diretores geralmente acontecem quando estes recorrem a punições mais severas, como suspensões e expulsões. Os agentes e inspetores de disciplina seriam ameaçados por aplicarem advertências e sanções por faltas disciplinares e impontualidades. Essa ameaça também atinge os policiais de batalhões escolares.

Sem verbalizar diretamente, os estudantes reagem de maneira agressiva às rotinas adotadas pelos professores, que são consideradas violentas. Assim como à imposição do poder da instituição escolar, como a disciplina, as exigências e as regras de aferição do conhecimento. Mas dificilmente comunicam os motivos ou por quais parâmetros entendem tais rituais do mundo escolar como violações a serem rebatidas por ameaças.

As ameaças podem redundar em violência física, o que gera um clima de tensão cotidiana. Por isso, é frequente que professores, diretores e outros membros do corpo pedagógico expressem sentimentos de insegurança. Entre as ameaças que atingem a

comunidade escolar estão àquelas relacionadas a bombas, felizmente, em geral falsas, com puro intuito de transtornar a rotina escolar.

A modalidade de violência mais frequente na escola é a briga. Ela abrange desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos uns dos outros. O olhar direto, o “encarar”, é visto como desrespeitoso e desafiador e pode levar a confrontos. Também esbarrar no outro, mesmo sem querer, pode ser interpretado como atitude pouco cuidadosa e de provocação, podendo ocasionar brigas violentas. Elas são consideradas acontecimentos corriqueiros, sugerindo a banalização da violência e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos. Muitas vezes, surgem como continuidade de brincadeiras entre alunos, podendo ter ou não consequências mais graves.

Os dados indicam que parece prevalecer, entre os alunos, um padrão de comportamento que descarta o recurso à autoridade dos adultos ou aos mecanismos institucionais existentes na escola para resolver os conflitos em favor da violência, praticada em grupo, o que pode estimular novos confrontos. Esse padrão de reação a agressões parece ser um importante componente da cultura que incorpora a própria violência ao universo dos alunos. Assim, partem para brigas e acertos de contas. Há, também, rivalidades entre alunos de séries ou turnos diferentes. Muitas vezes, os do período noturno denunciam acentuada estigmatização por parte do diurno. Alegam que, por serem mais velhos, já haveria a suspeita de envolvimento com drogas ou terem relação com assaltantes. Há, também, rivalidade entre estudantes de diferentes escolas e de distintos bairros. Existe, ainda, demarcação de lugares apropriados como “nossos” e os dos “outros”. Essa delimitação leva a rivalidades e brigas.

A violência entre alunos constrói-se em torno de duas lógicas complementares: de um lado, encenação ritual e lúdica de uma violência verbal e física; de outro, engajamento pessoal em relações de força, vazias de qualquer conteúdo preciso, exceto o de fundar uma percepção do mundo justamente em termos de relações de força. Nos dois casos, o que está em jogo é a construção e a auto – reprodução de uma cultura da violência. (PERALVA 1997: 20 apud LUCINDA, 1999: 32).

A violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre a escola. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de

violência e discriminação (física, moral e simbólica). Apesar disso, grande parte dos jovens apresenta uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino.

A VIOLÊNCIA ESCOLAR EM ÓBIDOS: ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FELIPE PATRONI

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Felipe Patroni”, localizada à Avenida Prefeito Nelson Sousa, nº 160, bairro de Fátima, em Óbidos – Pará foi construída no ano de 1972, na zona urbana, com objetivo de acolher alunos oriundos dos bairros mais distantes do centro da Cidade.

De acordo com relatos de funcionários do Educandário, a escola ofertava o Ensino da Pré - Escola, mas em documentos existentes na escola, as informações que constam é que a mesma funcionava com o Ensino Supletivo Sistemático (3ª e 4ª etapas), atualmente Educação de Jovens e Adultos - EJA e Ensino Regular de 1º Grau, atual Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries até o ano de 1982. A partir de 1983 a 1988, a escola passou a funcionar de 1ª a 8ª séries.

Em 1989 iniciou-se o processo de eliminação das séries iniciais até o ano de 1990, ficando somente o Ensino de 5ª a 8ª séries, porém só foi oficialmente reconhecida através das resoluções: 891 de 23/12/1999, que autoriza o funcionamento do curso supletivo sistemático (Educação de Jovens e Adultos) de 1ª a 4ª etapas, no 4º turno e, 146 de 30/03/2000 do Conselho Estadual de Educação do Pará - CEE/PA, que autoriza o funcionamento do Ensino Fundamental Regular de 5ª a 8ª séries nos 1º e 3º turnos.

A Escola possui em seu quadro docente 28 professores e no quadro administrativo, 35 funcionários e atendia em 2014 uma clientela de 1.002 alunos matriculados e distribuídos em 26 turmas nos turnos matutino, vespertino e noturno nas categorias Ensino Fundamental de 6º, 7º, 8º Ano e 8ª séries e 3ª e 4ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (E.J.A).

Desenvolvimento no processo metodológico

A realização da investigação foi mediada pela abordagem qualitativa/quantitativa, em que se fez necessário que fosse aplicado o método dialético, através de aplicação de entrevistas e questionários aos professores e alunos que gentilmente se disponibilizaram a ceder seu precioso tempo para as entrevista semiestruturada, questionário, que foram procedimentos utilizados para a coleta de dados.

As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma fiel e integral para análise do conteúdo em que o tema abordado foi “A Violência no Contexto Educacional em Óbidos Pará” tendo como delimitação espacial para pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni e se considerou utilizar nomes fictícios, não revelando assim o nome dos entrevistados.

Análise das entrevistas dos professores

A partir desta pesquisa foi constatado que na escola Felipe Patroni existem traços característicos de violência, principalmente entre alunos, mas não como antes, a pelo menos dois anos atrás, como foi informado através da entrevista cedida pelo professor José. Veja o que o mesmo informa sobre seu ponto de vista de violência na escola supracitada:

Fui chamado em dois mil e doze, através do concurso público municipal zero um de dois mil e onze para trabalhar na escola Felipe Patroni. No meu primeiro dia nesta escola eu senti vontade de pedir exoneração do cargo, de ver o modo de comportamento dos alunos, as características percebidas por mim dos mesmos a cada sala que eu entrava. E a cada dia que passava ocorria algum tipo de problema entre alunos. ... Mas em dois mil e treze a situação começou a melhorar, os alunos problemáticos saíram da escola e algumas situações que eu considerava um pouco terrível se contornaram. Hoje digo, existem alguns tipos de violência aqui nesta escola, mas não como ao período que comecei a trabalhar. E digo também, que hoje não pretendo de forma alguma mudar pra outra escola do município. O Patroni pra mim é a minha escola municipal (entrevista: 2014).

Como pôde ser percebida na fala do professor supracitado, a violência escolar causa alguns transtornos não só entre os discentes, assim como também, entre os docentes. Partindo desse preceito, verificou-se que a escola chegou a promover algo que estivesse relacionado ao combate à violência escolar, no que tange a escola Felipe Patroni.

A entrevista que a professora Paula disponibilizou informa que ocorre frequentemente a violência na escola Felipe Patroni:

Há uma situação de violência frequentemente entre alunos na escola. Violência entre professor e aluno, que é do meu conhecimento, acho que não, que eu tenha presenciado ainda não houve. A escola constantemente ela é empenhada na questão da prevenção da violência, através de projetos que a escola desenvolve, prevenção tanto violência sexual, quanto de menores, enfim, vários quesitos na questão da prevenção da violência na escola tentando minimizar esse problema que ocorre (entrevista: 2014).

No que se concerne à fala da entrevistada, entendeu-se que há frequência na escola já citada, desse fenômeno violência que epidemicamente atinge a maioria das escolas. De acordo

com o entendido esse desacordo acontece mais entre alunos. Mas a professora ficou com incerteza no que está voltado à violência entre discentes e docentes quanto a essa relação não foram constatados de forma alguma a através desta pesquisa.

Através da disponibilidade das informações dos professores e de algumas documentações disponibilizadas a esta pesquisa, chegou-se a constatação de que esta instituição de ensino já desenvolve projeto na escola sobre a violência escolar, além desse em questão, a escola já promoveu um movimento que elevou como tema a violência escolar. O projeto que foi desenvolvido ultimamente, em que o mesmo foi fora das dependências da escola, teve como tema: “Antecipar para ser Feliz Parte II”. Esse projeto teve como atração principal a palestra realizada por um dos membros da Superintendência da Polícia Federal de Santarém.

Para finalizar as análises relacionadas às entrevistas, supõe-se que nas escolas, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino, não só da escola Felipe Patroni, mas porque não dizer de todas as escolas existentes.

Análise dos questionários dos professores

Este estudo envolveu uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2014, na Escola Felipe Patroni, onde foi distribuído questionários para 10 professores. Esses sujeitos que se propuseram a responder as perguntas propostas, representam cerca de 33% dos professores que regularmente trabalham na instituição já citada.

A primeira pergunta refere saber, se os docentes tinham conhecimento das situações de violência na escola Felipe Patroni, ou seja, se ocorria. Constatou-se que 100% responderam que ocorrem práticas de violência na escola.

A segunda pergunta questionou que tipos de situações de violência podem ser citados já ocorridos na escola. As respostas obtidas se posicionaram 2% em agressões físicas e 98% verbais. Pode-se considerar através dessa análise que as agressões verbais são as mais usuais entre os alunos.

A terceira pergunta está voltada em saber o que leva a causar a violência na escola. As respostas não foram diferentes do que se questiona na contemporaneidade, sendo a ausência da família na participação escolar e geralmente na vida da maioria dos alunos que causam problemas violentos nas instituições de ensino. Nesta perspectiva, 100% das respostas dos

professores demonstram que a estrutura familiar está em primeiro lugar nas causas da violência escolar. Assim, destaca-se que:

Abstenhamo-nos, pois, de demandar uma ação mais efetiva da família, uma melhor definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas. A saída está no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante o nosso outro complementar (AQUINO, 1996: 50).

As respostas da quarta pergunta que se reportou em saber o que mais contribui para a violência na escola, foram 100% iguais às respostas da terceira, ou seja, colocaram a ausência da família como principal agente que contribui para a violência escolar.

No que tange a quinta e sexta perguntas, em que focamos quais são os principais autores e vítimas. Assim, 40% dos professores responderam que os autores e vítimas são os próprios alunos, enquanto que 60% dos professores responderam que os alunos são os agressores e as vítimas são tanto os discentes quanto os docentes. Entende-se nesta situação que a maioria dos professores sentem-se de certa forma, violentados pelos alunos.

Socializando a sétima pergunta, em que se refere como os professores lidam com as situações de violência, 100% dos entrevistados enfatizaram que lidam por meio do diálogo, assim como os que ainda não sofreram responderam que lidariam da mesma forma se sofressem.

A oitava pergunta relaciona-se em saber se estes já foram alguma vez agredidos por alunos ou funcionários da escola. Constatou-se que 60% já foram agredidos por alunos e 40% responderam não.

A penúltima pergunta voltou-se em saber se a escola tem contribuído para amenizar a questão da violência. Constatou-se que 100% dos professores responderam que sim, mas enfatizaram novamente que a família precisa contribuir com a escola, pois a escola não deve caminhar sozinha, principalmente quando se trata de violência.

A última pergunta do questionário aplicado aos professores deixou em aberto para que os mesmos se tivessem algo mais a dizer que se dispusessem e informassem nesta questão. Como resposta 70% dos docentes responderam e 30% deixaram a questão em branco. A maioria dos que responderam se reportaram para a questão de projetos. Finalizando, transcrevemos algumas respostas de forma integral: “Que haja projetos atuantes nesse tema, que a escola como um todo busque estratégias para estar mais junto desses alunos, principalmente aqueles considerados como um caso perdido”; “Se a equipe tiver algum

projeto voltados para as escolas, que venha inovar outros projetos, ou pelo menos amenizar a violência nas escolas, favor compartilhem!”.

Análise de questionários dos alunos

A análise dos dados colhidos na pesquisa buscou agrupar convergências e divergências encontradas no discurso dos sujeitos entrevistados. Os questionários foram distribuídos entre 60 alunos da Escola Felipe Patroni cerca de 6% do total dos alunos da escola. Entre esses alunos, 40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino ambos na faixa etária entre 11 a 17 anos, cursando as séries do Ensino Fundamental maior.

Nesse primeiro momento levou-se em consideração a questão da cor/raça, constatou-se que 23% se declararam brancos, 7% negros e 70% pardos.

A questão seguinte refere-se à estrutura familiar, onde foi diagnosticado que 66% dos alunos informaram não morar com os pais, segundo os mesmos, ou moram com a mãe ou pai ou com algum membro da família. Somente 34% disseram estar morando com os pais.

Fazendo-se uma reflexão a partir do exposto anteriormente fica perceptível que uma das principais causas da violência escolar está na família, ou seja, são alunos que não estão tendo nenhum tipo de orientação, que parta da família para que os mesmos reflitam nas consequências que suas más ações reflitam na sociedade em geral.

Ao serem perguntados sobre que tipos de situações e atitudes consideram como ato de violência e se já tinham presenciado na escola, 100% dos pesquisados informaram que já presenciaram algum tipo de violência e responderam os seguintes tipos: “má criação, apelidos ruins, brincadeiras de mau gosto e mau comportamento, chamar palavrões aos professores, uso de drogas, racismo, ameaça, roubo”; dentre esses 100%, 30% responderam de forma resumida: “Bullying”. Diante do exposto, percebe-se que muitos alunos já perceberam a falta de limites apresentada por alguns estudantes.

Quando perguntados sobre como consideram a escola em relação à violência, em que os mesmos tinham as opções objetivas como: não é violenta, é violenta, um pouco e muito violenta, 66% dos pesquisados expressaram suas opiniões caracterizando a escola como pouco violenta e 34% como muito violenta.

Também lhes foi perguntado sobre que tipos de punições acontecem na escola em relação à violência. Constatou-se que 58% dos sujeitos pesquisados responderam que se trata de suspensão e advertências e 42% responderam que se trata de conversa da direção com seus pais ou responsáveis.

Ao serem indagados se a situação de violência entre alunos é frequente, 58% dos pesquisados marcaram a alternativa, na qual, afirma que há frequência de violência na escola Felipe Patroni, ou seja, sim, 42% dos alunos marcaram a alternativa que caracterizava a escola como um local sem nenhum tipo de violência, ou seja, não. Nota-se um número elevado de alunos que não estão nenhum pouco se importando a certos fatos de violência que ocorrem na escola, pode-se colocar a hipótese de que talvez esses alunos sejam os autores de algum tipo de violência na instituição do lócus da pesquisa, ou até mesmo por razão de que briguinhas para eles não seja ato de violência escolar.

Quanto a quem eles recorrem nas situações de violência na escola, 76% dos alunos responderam: “Recorrem à direção da escola e a família”; 20% deram como resposta: “A polícia e ao Conselho Tutelar”; 4% responderam algo que chama a atenção: “Com outros marginais. Eles não recorrem a ninguém eles mesmos querem fazer alguma coisa.” Fazendo-se uma análise na primeira resposta deste contexto, em que os mesmos se expressam respondendo que recorrem à direção e à família, é porque praticamente em todos os casos a família é comunicada, que é o correto, mas é a direção da escola que recorre não os alunos. Quanto às respostas que envolvem Conselho Tutelar e a Polícia, realmente nos casos mais graves, de acordo com o pesquisado, já se compareceram na escola chamados também por partes da direção da referida escola. As últimas respostas que chamaram mais a atenção são casos que em algumas vezes acontecem, principalmente quando o/a aluno (a) diz-se ser de “galera³” como muitos costumam dizer.

Na décima segunda pergunta os discentes pesquisados tiveram a oportunidade de marcar algumas alternativas propostas a eles sobre o que os mesmos consideram como violência. Foram consideradas somente as alternativas que mais obtiveram marcações. Nesse pretexto, 51% dos alunos optaram como alternativa a “Agressão física e agressão verbal (falar mal/xingar)”; 41% consideram as “Ameaças” como principal tipo de violência; 8% marcaram as alternativas “Pichações e racismo”. Esses últimos tipos de agressões, apesar de ter um percentual menor, mas ainda são usuais nas escolas, mesmo que sejam desenvolvidos projetos, que é o caso da Escola Felipe Patroni que tem o Projeto que traz o Tema: Vista Minha Pele, esse projeto já é desenvolvido na Escola supracitada desde novembro de 2011.

A penúltima pergunta relacionou-se em saber quantas vezes já aconteceram situações de violência com cada um dos pesquisados, 33% afirmaram já ter sofrido uma ou duas vezes algum tipo de violência e 67% responderam informando que ainda não sofreram nenhum tipo

³ Essa expressão é usada pelos moradores dos bairros da cidade que se dizem fazer parte de grupos que fazem uso da justiça com as próprias mãos.

de violência. Neste sentido, observa-se que em um percentual total de alunos da escola o índice de violência com cada um é menor em relação aos que não foram violentados.

A última pergunta do questionário proposto aos discentes questionou-se em saber quantos fatos já ocorreram na escola com ênfase ao uso de droga, bebida alcoólica, armas e gravidez, 93% disseram saber que todos os casos anteriormente mencionados já aconteceram na escola; 7% deram suas informações dizendo que só presenciaram gravidez. Nesse último caso é fato de alguns alunos serem desatentos em relação aos acontecimentos da escola, um dos principais motivos está relacionado aos mesmos faltarem frequentemente.

Enfim, a análise dos resultados das diferentes respostas ao conjunto das questões apresentadas revela os diferentes conceitos e preposições dos alunos em relação à violência escolar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Patroni.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que ocorrem os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, esse é um fenômeno preocupante. Seja pelas sequelas que diretamente infligem aos atores partícipes e testemunhas ou pelo que contribui para rupturas com a ideia da escola como lugar de conhecimento, deformação do ser e da educação, como veículo por excelência de aprendizagem, de socialização em ética e da comunicação por diálogo.

A partir dessa pesquisa, conclui-se que o estudo da violência no ambiente escolar vem apresentando relevantes mudanças tanto no que é considerada violência, como no olhar a partir do qual o tema é abordado. De análises em que a ênfase recaía sobre a violência do sistema escolar, especialmente por parte dos professores contra alunos, os estudos passaram a privilegiar a análise da violência entre alunos ou desses contra a propriedade e, em menor proporção, de alunos contra professores e de professores contra alunos.

Na perspectiva de atingir os objetivos da pesquisa, elencamos os principais fatores que causam a violência escolar, assim como, chegou-se a conclusão de que a modalidade de violência mais frequente na escola é a briga. Ela abrange desde formas de sociabilidade juvenil até condutas brutais. Briga-se por futebol, lanche, notas, por causa de apelidos e tomada de objetos uns dos outros.

No que está voltado as medidas contra a violência nas escolas, devem ser tomadas algumas atitudes: realizar diagnósticos e pesquisas para conhecer o fenômeno em sua forma concreta, conseguir a legitimação pelos sujeitos envolvidos (o que pressupõe a participação da

comunidade escolar) e fazer um monitoramento permanente das ações nas escolas. A prevenção é fundamental. Uma das premissas para se conseguir isso é relacionar conhecimento sensível, ético, valorização do jovem, criação de um clima agradável e participativo, com conhecimento especializado e transdisciplinar, bem como análises sobre segurança pública e segurança escolar.

Deve-se, enfim, assumir a importância da construção de uma cultura de paz. A cultura de paz pressupõe o combate às desigualdades e às exclusões sociais, assim como o respeito aos direitos de cidadania. A escola pode ser um local privilegiado de combate à violência, mas, para isso, necessita de profissionais respeitados, com conhecimento de pedagogia, cabendo ao poder público investir na formação e reciclagem desses profissionais e adotar estratégias para fazer prevalecer o direito e os deveres do professor.

Para começar a combater a prática da violência, as escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência desse fenômeno em suas diversas formas e tomar consciência dos prejuízos que pode causar para o desenvolvimento socioeducacional e para estruturação da personalidade de seus estudantes. De maneira prática e objetiva, a escola deve procurar meios para se informarem sobre as formas que possibilitem saber quais são as experiências e os sentimentos que seus alunos possuem em relação à violência escolar.

As informações supracitadas contribuíram nas perspectivas educacionais da escola do lócus da pesquisa e para os autores da pesquisa. A percepção tida após as análises foi que os participantes construíram conhecimentos a cerca do assunto. Dessa forma, os mesmos já terão base de como poderão prevenir, identificar e combater a violência na instituição de ensino que desenvolvem suas atividades de trabalho. Pesquisar sobre a violência escolar é o melhor caminho para identificá-la, combatê-la e evitá-la. Diversos estudos sobre o assunto comprovam que essa prática não só agrava os problemas que já existiam anteriormente, como também facilita o surgimento de graves transtornos psíquicos e comportamentais, principalmente nas escolas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

BARROS, Paulo Cesar et al.. *Um Estudo Sobre o Bullying no Contexto Escolar*. 2009. Artigo (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

BONETI, Lindomar Wessler, PRIOTTO, Elis Palma. *Violência Escolar: na escola, da escola e contra a escola*. Artigo (mestrado) Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2006.

COSTA, Marisa Corraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DUBET, F. *A Formação dos Indivíduos: a desinstitucionalização contemporaneidade e educação*. Ano III, 3: 27-33, Mar., São Paulo, 1998.

FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, SP: Editora Verus, 2005.

GARCIA, Joe. Revista Paranaense de Desenvolvimento. Curitiba, n. 95.jan./Abr., 1999, p.101-108. Disponível em http://www.ipardes.gov.br/pdf/revista_PR_95/joe.pdf#search=%22indisciplina%20referencias%22. Acesso em: 26 maio 2014.

BARROS, Paulo Cesar et al.. *Um Estudo Sobre o Bullying no Contexto Escolar*. 2009. Artigo (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

PERALVA, Angelina (1997). *A generalização da violência como modo de regulação das Interações humanas na região metropolitana do Rio de Janeiro: a violência juvenil*. São Paulo, Relatório de Pesquisa/CNPq, mimeografado.

PINHEIRO, F. M. F. *Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2006.

ROSA, Maria José Araujo. *Violência no Ambiente Escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem*. 2009. Artigo (Graduação) – Faculdade Atlântico – Aracaju, Aracaju, 2009.

SILVA, Tomas Tadeu da. *Documentos de identidade*. Uma introdução às teorias do currículo. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIQUEIRA, Zildinha. *Me Erra! : bullying to fora*. Belém: Samauma, 2012.